



# Boletim do Venerável D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador  
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852  
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS  
Tlm.: 934 285 048 "Chamada para a rede móvel nacional" – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com  
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano XIII

N.º 40

Outubro/Dezembro de 2023

## O MISSIONÁRIO ANTÓNIO BARROSO E A JUVENTUDE AFRICANA (II)

Por **Amadeu Gomes de Araújo**

António Lourenço Farinha, que foi missionário em Moçambique e historiador, refere-se a D. António Barroso como «o maior de todos os missionários modernos». E o académico e missiólogo António Brásio, investigador da história missionária portuguesa, enaltece deste modo o seu contributo para a evangelização: «Agitou ideias, combateu, discutiu, agiu, estudou, reagiu (...) Barroso é único entre os missionários portugueses do seu tempo». (1)

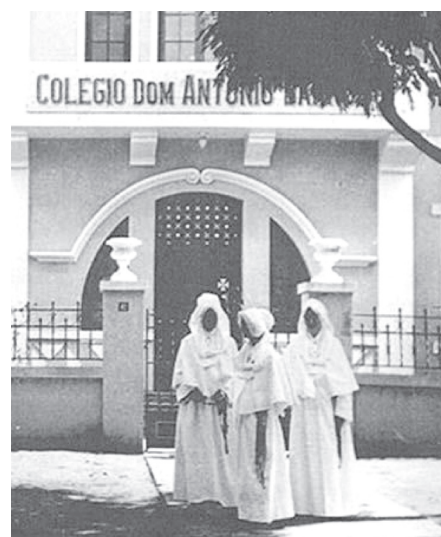
Uma das preocupações prioritárias deste missionário reformador foi a instrução e a promoção humana dos jovens. Colocado em Angola, desde a

primeira hora assumiu o ensino como uma base para o seu trabalho de evangelização.

Defendia que o meio mais adequado à formação dos rapazes africanos era «o internato bem dirigido»: «Ao lado da missão religiosa e da escola para rapazes, deve haver a escola para raparigas: não sendo assim, nós andamos a civilizar meia humanidade, mas escapa-se-nos a outra meia, quicá a mais importante, pelo predomínio que tem na formação dos costumes». E aconselhava: «Criemos junto de cada internato de rapazes dirigido pelos missionários, o internato para raparigas, dirigido pelas Irmãs educadoras». (2)

Esta preocupação com a escola e com o ensino doméstico da rapariga, é admirável, para um missionário oriundo de um país onde mais de noventa por cento da população feminina era analfabeta.

Como escreveu o Padre Brásio, com algum humor, o missionário Barroso não pretendia fazer do Congo do século XIX uma sociedade de «calcinhas», de sujeitos engomados e passados a ferro, óptimos para as estatísticas da ONU. Lutou pela formação de homens e mulheres capazes de se integrarem na realidade social e



**As primeiras escolas femininas que se criaram em Moçambique foram da iniciativa de D. António Barroso: «Na vasta extensão de Moçambique, não existia uma única casa de educação feminina», escreveu o bispo missionário. Em memória deste educador pioneiro foi criado, mais tarde, em Lourenço Marques, o prestigiado Colégio Dom António Barroso.**

de colaborarem na sua transformação.

Revelando um profundo sentido de Igreja, a sua primeira preocupação foi sempre a população local. E este esforço de proporcionar instrução ao homem africano ia contra a política e a prática corrente do Governo, como já observámos:

«É muito fácil afirmar que o preto é rebelde à instrução e ao trabalho, é um



estribilho banal que à força de repetido parece um axioma, e é uma falsidade, mas é um pouco mais difícil criar-lhe escolas que justifiquem merecer tal nome, e instituições de ensino adequado ao seu desenvolvimento e modo de ser actual».(3)

No relatório sobre a prelazia de Moçambique, datado de 2 de Maio de 1894, escreveu, com realismo: «...o que era para desejar seria que os pequenos arsenais da província fossem escolas práticas de ofícios, onde o indígena, junto com a língua portuguesa, a leitura e as quatro operações, pudesse aprender um ofício pelo qual se emancipasse da miséria e da vadiagem em que vive, podendo prestar assim ao europeu e ao desenvolvimento da província, os melhores serviços». Pede livros em português, aduzindo o exemplo das Missões do Zambeze, que «ensinam por livros confeccionados pelos respectivos missionários em cafre, o que de certo é magnífico para o ensino da doutrina, e tanto que a todos os missionários tenho recomendado com instância o estudo das línguas indígenas, que reputo essencial para o cabal desempenho da sua missão, mas que não são igualmente bons para texto de aulas, onde a língua oficial não pode deixar de ser a portuguesa».

Anos depois, chegado a Meliapor,

deu muita importância à instrução da juventude e à formação do clero, cuidando de organizar uma biblioteca no seminário e melhorando o plano de estudos.

Criou a escola de Punicail e mandou construir alguns edifícios em Nazapatam, para escolas.

Mais tarde, um dos seus primeiros actos como bispo do Porto, foi criar no seminário diocesano, por Provisão de 20 de Setembro de 1899, uma cadeira de ciências naturais. Ao criá-la, no seminário dos Carvalhos, escreveu: «Hoje mais que nunca, é necessário que os estudos feitos nos seminários diocesanos estejam de harmonia com as tendências do século, e que aqueles que lá se preparam e adestram para as lides do sacerdócio, quando deixarem a escola e emprenderem a acção social, possam levar a luz [...] Estudem-se estas ciências de harmonia com os ensinamentos da Igreja e nomeadamente do Concílio do Vaticano no Const. Dei Filius, cap. IV, De fide et ratione; tomem-se como norma os grandes trabalhos de sciencias naturaes apresentados nos congressos catholicos successivamente reunidos em Bruxellas, Paris e Friburgo».(4)

Ainda sobre a importância da formação dos seminaristas, afirmou na cerimónia da abertura do ano escolar no

seminário do Porto, em Outubro de 1900: para que a «Igreja se faça sentir em toda a parte, para que ela se infiltre em todos os povos, em todas as latitudes, e até em todas as classes sociais, é necessário que haja ministros dignos, obreiros destros [...]; é indispensável preparar soldados bem disciplinados».(5)

Em homenagem a este educador exemplar, o Ateneu Comercial do Porto, em 1918, ano da sua morte, instituiu um prémio de 10\$00, para os alunos mais bem classificados.

Continua

## NOTAS:

1 - BRÁSIO, António – D. António Barroso, Missionário, Cientista, Missiólogo. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1961, p.35.

2 - BARROSO, António – O Congo. Seu Passado, Presente e Futuro. Comunicação à Sociedade de Geografia de Lisboa. In BRÁSIO, António – D. António Barroso, Missionário, Cientista, Missiólogo. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1961, p. 146

3 - BARROSO, António – Padroado de Portugal em África. Relatório da Prelazia de Moçambique. In BRÁSIO, António – D. António Barroso, Missionário, Cientista, Missiólogo. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1961, p. 227.

4 - Apud MENDES, Alves – D. António Barroso Bispo do Porto. Porto, Aloysio da Cunha Leite – Editor, 1899, p. 44.

5 - BARROSO, António – Discurso. In PINTO, António Ferreira – D. António Barroso, Um Herói da Epopeia Portuguesa no Ultramar, Porto: Tipografia Porto Médico, L.da, 1931, p. 146.

## Associação dos Amigos de D. António Barroso

### ASSEMBLEIA GERAL

Realizou-se no passado dia 30 de Novembro a Assembleia Geral cuja convocatória foi divulgada no Boletim n.º 39, e foram tratados todos os assuntos que constavam da Ordem de Trabalhos. Não tendo sido apresentada à Assembleia qualquer nova lista, os actuais corpos sociais foram confirmados nas suas funções, tendo-se procedido apenas à substituição do Presidente da Assembleia Geral e do Secretário da Direcção, devido à vacatura dos lugares.

A Mesa da Assembleia Geral é presidida por Alberto Severino dos Santos Craveiro e o Conselho Fiscal, por José Gomes Campinho. A Direcção ficou assim constituída: Presidente - Amadeu Gomes de Araújo; Vice-Presidente - Padre Manuel Amândio Alves Vilas Boas; Secretário - José Ribeiro Fernandes; Tesoureiro - Joaquim Martins da Costa.

O Secretário da Direcção, **José Ribeiro Fernandes**



Conheça o  
**Venerável D. António Barroso**  
leia  
[www.domantoniobarroso.pt](http://www.domantoniobarroso.pt)

## Amigos incondicionais - D. António Barroso e D. Henrique Reed da Silva (3)



Por **Margarida Pogarell**,  
Professora e escritora

*Duas crianças. Dois destinos. Henrique acaba longe do brilho e da glória. António, ironia das ironias, coloca-se às portas do Paraíso...*

### A mais bela igreja da Índia

O erro maior de Henrique foi a construção de um sonho, burilado em pedra, no centro de Meliapor, sobre a praia, na costa do Coromandel, e no tempo recorde de três anos, entre 1893 e 1896. Não foi um devaneio qualquer. A diocese de Meliapor estava encastrada em território sob administração do Governo britânico, com quem o bispo mantinha relações cordiais. Com o capitão Power, engenheiro reformado, delineou e construiu a belíssima catedral neogótica de São Tomé de Meliapor, elevada mais tarde a basílica menor pela Santa Sé, em 1956. A Concordata de 1886, negociada por Martens Ferrão, foi assinada após um abandono complicado de 60 anos da prelazia, abrindo portas e expectativas aos missionários da Propaganda Fide. O novo prelado de Meliapor, entre outras actividades, reconstrói a velha igreja portuguesa, dedicada a São Tomé, o padroeiro da Índia, que se acredita ter morrido naquelas paragens. Em redor de São Tomé, cresceu a cidade de Meliapor (1) onde, segundo a crença, se encontra o túmulo do apóstolo. A “mais bela igreja das Índias”, acredita-se, é uma das três igrejas construídas sobre túmulos de apóstolos (S. Pedro, no Vaticano, S. Tiago, em Santiago de Compostela e S. Tomé, em Meliapor (Chennai)).

Este convénio, entre a autoridade eclesiástica de Meliapor e a administração inglesa, para a edificação da magnífica ca-

tedral, dá-se após Portugal ter sido ameaçado e obrigado a ceder ao Ultimato da Rainha de Inglaterra, estilhaçando, de uma vez por todas, o sonho português do mapa cor-de-rosa, para África, em 1891. Enredado no conflito de interesses entre Portugal e Inglaterra e no aluguer feito a longo prazo, alegadamente, sem autorização, a um rajá local, dos bens eclesiásticos (parte do avultado legado deixado por João do Monte), para financiar a dispendiosa obra de arte, Henrique não escapou às mortais invejas e intrigas locais. Apanhado na rede da sua ousadia, o irreverente bispo de Meliapor acaba por ser esmagado pelas lutas de poder, entre o Padroado português e a *Propaganda Fide*, devido à mal-esclarecida jurisdição eclesiástica da Concordata de 1886. Apesar do trabalho de relevo realizado, foi obrigado a resignar. É de salientar que, nos quase nove anos do seu episcopado, Henrique fundou dois jornais, o *Boletim Ecclesiastico da Diocese de Meliapor* e o *The Catholic Register* (em inglês), abriu o seminário diocesano, manteve institutos de disciplinas preparatórias sob direcção dos missionários de Cernache, dois liceus em Calcutá, um com internato para meninas, outro que preparava o acesso à universidade, fundou ainda orfanatos e asilos para idosos, criou um laboratório farmacêutico para oferecer remédios aos pobres e erigiu a nova catedral de Meliapor. Em 1897, sem apelo nem agravo, o bispo resignatário de Meliapor, regressa a Portugal, destitui-

do de méritos e honras eclesiásticas, com a cônica pretendida e o direito a manter um título eclesiástico, ambos negociados a ferros pelo amigo António. Sem bispado, Henrique, nomeado arcebispo-titular de Trajanópolis, na Frígia, brilha, no país que o viu nascer, no seio da mais alta aristocracia, que conhece muito de perto, até partir para a América do Norte, em 1906.

### Sem amigos, sem abrigo e sem dinheiro

Após a queda da Monarquia, em 1910, mantém-se exilado naquele país, onde entre outras actividades, desenvolve, trabalho junto da comunidade portuguesa de Lowell, em Massachusetts, na diocese de Boston, e faz uso das suas múltiplas capacidades. Adepto das belas artes, era também poliglota. Entre as línguas que dominava estava o alemão. Detentor de uma bela voz, dedicou-se ao canto, tocava piano e compunha música.

Em 1926, no soçobrar da República, regressa a Portugal. Vislumbra-se já o raiar do Estado Novo. Henrique conheceu ainda o Cardeal Cerejeira. Pouco antes de morrer, consegue também que, em 1929, o Tribunal mande que lhe seja paga a cônica, retirada após a Implantação da República, e que o deixara sem meios de sobrevivência. (2)

D. Henrique José Reed da Silva, bispo de Trajanópolis, morre em Lisboa, no dia 6 de Outubro de 1930, no hospital da Or-



**A Catedral de Meliapor foi construída por D. Henrique Reed da Silva, num tempo recorde (1893 - 1896).**

**D. António Barroso foi nomeado Bispo de Meliapor, em 1897, e à sua nomeação andaram associados diversos problemas que entretanto surgiram na diocese, incluindo alguns de natureza financeira, resultantes da construção desta imponente catedral neogótica.**

**D. António foi solidário com D. Henrique, na crise de confiança que sobre este se abateu, por parte do Estado e da própria Igreja.**



dem Terceira de São Francisco. Foi sepultado, em jazigo da Ordem, no cemitério dos Prazeres. Os seus restos mortais desapareceram no anonimato. A sua Catedral, em terras da Índia, foi elevada a basílica menor, pelo Vaticano, em 1956. Actualmente é venerada pela sua elegância, beleza e grande qualidade artística. Visitado e apreciado por milhares de pessoas, o impossível sonho de Henrique tornou-se o ex-libris de Meliapor.

António após ter estado pouco mais de um ano em Meliapor, regressa, em 1899, nomeado bispo do Porto. Dirige a diocese mais vasta do país, longe das intrigas e artimanhas, que antes tinham derrubado Henrique. Homem avisado, pragmático e atento, António consegue antecipar-se aos que lhe querem menos bem. Uma conversa atempada com o papa Leão XIII, com quem tinha uma relação amistosa, poupa-o a mais incómodos. A experiência de Henrique tê-lo-á deixado de sobreaviso...

## Ninguém me conhece melhor do que tu

António Barroso assume o bispado do Porto, em 1899. Durante anos, sustentará uma luta extremada contra a República, após Lei da Separação da Igreja do Estado. Como a Henrique, resta-lhe o enxovalho e o exílio na sua aldeia Natal, Remelhe, em Barcelos. Voltará, em apoteose, à sua diocese. Entretanto, um novo exílio, em 1916, retirá-lo-á do Porto para Coimbra.

A morte encontra-o, no Paço de Sacais, no Porto, no dia 31 de Agosto de 1918. Sepultado, inicialmente, em jazigo próprio, no cemitério paroquial de Remelhe. Desde 2018, é venerado, no jazigo da capela da Igreja paroquial de Santa Marinha. Declarado Venerável pelas suas Virtudes Heróicas, pelo papa Francisco, em 16 de Junho de 2016, António está a um passo de ser beatificado e canonizado pela Igreja Católica.

Desconhece-se se Henrique e António conseguiram manter a proximidade e a amizade que levava o jovem Henrique a afirmar-lhe na despedida da carta, “ninguém me conhece melhor que tu.” “Adeus”

Teu de coração,

**Henrique J. Reed da Silva**

**O primeiro**, Henrique, nasce na Lapa, o bairro chique da capital do Reino. Os pais casam em 1833. Sebastião José da Silva, Escrivão da Junta da Fazenda de Cabo Verde, tem já 50 anos, quando é pai de Henrique. Elisa, a mãe, irlandesa, (3) terá sido baptizada em Londres. (4) Descrições apontam para que pequeno Henrique terá tido uma



**Serviço religioso no interior da catedral de Meliapor. Em baixo, exterior da bela catedral, ex-libris da cidade de Chennai, antiga Madrastra. Actualmente, Meliapor é um bairro histórico e turístico da cidade de Chennai, capital do estado indiano de Tâmil Nadu.**

educação muito esmerada. O próprio D. Henrique, bispo de Trajanópolis, resignatário de Meliapor, durante o seu exílio, em Lowell, Massachusetts, nos Estados Unidos, após a queda do regime monárquico em Portugal, terá levantado o véu da sua educação superior e suposta aristocracia. Considerado erudito e poliglota, ao explicar a sua fluência em alemão, D. Henrique terá afirmado ter sido educado num palácio, com outras crianças, onde fora obrigado a falar inglês, de manhã, e alemão, à tarde. O bispo português cativava quem o rodeava com os seus inusitados talentos e maneiras aristocráticas. Interessava-se por música, tocava piano com exímia e, com a sua voz muito bonita, conseguia entusiasmar os seus paroquianos para o coro, em Lowell.

**O segundo**, António nasce em Remelhe, uma aldeia recôndita no âmago do Minho. António cresce num mundo religioso e fechado. Os pais casam em 1853. O pai, José António, carpinteiro, tem 38 anos, vem de uma família de condição inferior à da mulher que escolheu para casar. Eufrásia, a mãe, tem já 35 anos, de condição superior ao marido, enfrenta o pai e casa com quem escolheu, contra todas as vicissitudes. Quando são pais pela primeira vez, estão numa situação desesperadamente pobre. O pequeno António aprende a manobrar a enxada, a enfrentar os bois e a pegar na sogra, sem medo. A terra, a vida de camponês, na companhia da família são o seu centro. Adora correr pelos campos. Torna-se um jovem vigoroso e espontâneo. Divertido, prega partidas a amigos e conhe-



cidos. Para ele, os livros serão mais para os “perder” entre as leiras de terra, que ajuda o pai a amanhoar, do que para queimar as pestanas à luz da vela.

## NOTAS:

**1 - São Tomé de Meliapor - em tâmil, “cidade do pavão” - é, hoje, um bairro histórico integrado na cidade de Chennai (antiga Madrastra), capital do Estado Tâmil Nadu, na Índia**

**2 - O estatuto de bispo emérito de Meliapor, de acordo com o Direito Canónico, não lhe permitia governar uma nova diocese nem ser nomeado pároco.**

**3 - Desconhece-se a data e o local onde nasceu.**

**4 - De acordo com a certidão de casamento.**

## ANTÓNIO BARROSO E O CAMINHO A MARIA



**Texto:** João Manuel, médico e professor universitário

**Imagem:** João Manuel e Adelaide A. Simões

As flores, sejam elas quais e como forem (vivas em natureza, em gestos ou em atitudes depostas), são, no seu genuíno, uma manifestação universal de um partilhado e terno afeto ou forte e empática união de seres.

Assim o reflito e me uno aos sentimentos que perpassam naqueles que depositam aos pés ou entrelaçam nas mãos de Padre Américo (na Praça da República) ou de António Barroso (no Largo 1.º de Dezembro) no Porto as flores do seu continuado carinho e “eterno” reconhecimento. Estes genuínos gestos, quase diários, questionam-nos sobre o que permanece no daquilo que passa. Às vezes também, com “obras” singulares como a “Casa do Gaiato” ou a “Associação Protectora de Infância”.

Homens que se fizeram permanentes, percorrendo-se acarinhados desde a infância, na companhia e no caminho que é, para Deus, a Mãe nossa e do Senhor Jesus.

### António Barroso!

Modelado pelo afeto e pela raiz fundante do exemplo materno, a ligação à Senhora da Boa Ventura foi-se constituindo qual sinete que, ao que emerge, como que, escondido mas permanente, se deixa lacrado na alma e impresso no percurso de vida.

Desde criança António vai deixando, pois, em si, a semente das flores, para a Virgem colhidas e pelo caminho levadas e depositadas aos pés da Mãe na capela de S. Tiago.

Não nos foi dado, ainda ao menos, saber a qualidade e intensidade da relação filial-devocional que António Barroso (AB) mantinha com Maria. Mas, pelo seu curso de vida, fazem-nos delas suspeitar e, porque muito escondidas, adivinhá-las fortes e permanentes.

Que gestos e atitudes devocionais mantinham os alunos do Real Colégio das Missões em Cernache do Bonjardim para com a Rainha dos Apóstolos? Na verdade, aí se encontra, na sua igreja em destaque, a sua residente imagem da Imaculada Conceição e se venera com intensidade, fazendo-se novena e primorosa celebração com procissão a festa da solenidade a 8 de dezembro. Estamos na terra de S. Nuno de Santa Maria, na Pátria à Imaculada Conceição rainha coroada e “amadriñhada”, em tempo próximo da definição do dogma e data de nascimento de AB (1854, ano da proclamação deste dogma por Pio IX, facto a que AB associava a sua devoção à Imaculada Conceição) e da posterior construção do Sameiro à mesma efeméride dedicado (1863-); factos e marcos que, ao futuro missionário e bispo, não terão sido alheios, mas certamente bem presentes na sua mente, também no provável e constante apelo-lembrança na formação dos futuros missionários destinados para as colónias.

Estes marcados sentimentos, AB os faz emergir nas manifestações de que temos registo.

Vindo de bispo de Meliapor, no trajeto de Roma (aonde se dirigira por pedida audiência de Leão XIII) para a diocese do Porto, rumo a Lurdes – “Eu sou a Imaculada Conceição” (1858) – aonde mais tarde regressará.

Mais nos faz adivinhar a sua “alma” mariana o que se extravasará nas peregrinações, caminhadas e até – quando fisicamente fragilizado – na deslocação subida e conseguida em carro de bois à Senhora do Rosário da Franqueira.

As marcas sedimentam-se e, quantas vezes quais impressões fósseis, ganham expressão física do interior enchemado. Assim também aconteceu com a bênção da primeira pedra



**Monumento a D. António Barroso, no Largo 1.º de Dezembro, no Porto. Foi inaugurado em 1999, para celebrar o centenário da sua entrada nesta Diocese.**

*“no dia 25 de junho, do ano de 1905... do santuário da Bem-aventurada e Imaculada Virgem Maria, ... neste Monte Grande, hoje chamado Monte da Virgem, ... em memória da definição dogmática...” e onde, nesse local, 102 anos depois, D. António Francisco, seu sucessor citava: “D. António Barroso*



**A Capela de Santiago que D. António frequentou desde criança. Fica junto à casa onde nasceu.**

*dirigiu a palavra àquela enorme multidão e numa alocução vibrante congratulou-se pela presença, naquele lugar, do seu clero, do povo, e das autoridades fraternalmente unidos numa hora tão solene de amor à Virgem Imaculada”* (cf. O Monte da Virgem, Padre Luís G. Pinho Rocha, 1956, p. 14 e 15).

Amor de AB à Virgem que sonda e vigia a Sua cidade do Porto desde esse Seu monte, e até lá como peregrino vai o bispo, com a expressão devocional das romagens que desta “Cidade da Virgem” a ele faz, mesmo em jeito de descanso e/ou acompanhado, com certeza desfiando, pelas contas, as alegrias, tristezas e preocupações da sua, a ele confiada, grei.

Estamos a viver o eco das Jornadas Mundiais da Juventude, Lisboa 2023. “Maria partiu apressadamente...” qual arca de Deus que, solícita, se faz presente para e no meio do precisado. Assim, mimetizando, se nos apresenta a figura do nosso bispo D. António Barroso nos gestos que fazem o adorno da sua escultórica imagem e que lembram seja essa indelével presença do coração agradecido do pobre para com o seu amigo bispo “pai dos pobres” [«non sibi sed omnibus»]— “a sua grande loucura está no amor dos Pobres”, diria o Padre Américo e outros dizeres de quantos outros testemunhos escritos – seja, a da que criança fora na obra da infância, na mentoria de AB criada, e que, ainda de contínuo, se vê prolongada para a criança desprotegida.

São estas atitudes umas das mais vincadas e permanentes chancelas humanas, no decurso do tempo, do que fica de quem no seu tempo e viver -- também se assemelhando à primeira discípula – se faz, como o Venerável D. António Barroso, evangelho do Evangelho, isto é, se faz acontecer no hoje a Boa Nova que é Jesus.

Venerável António Barroso roga por nós.

**Porto, 16 de agosto 2023**  
**João Manuel**

## BIBLIOGRAFIA

**A.G.A.**, D. António Barroso e o Santuário da Franqueira. Boletim de D. António Barroso. Abril / Setembro de 2012. Ano II, Nº 5. Pág. 1.

**Gomes de Araújo, A.** 2 de Setembro de 2012. Romagem à Terra de D. António Barroso. A Diocese do Porto celebra a memória do “Bispo Santo”. Boletim de D. António Barroso. Abril / Setembro de 2012. Ano II, Nº 5. Pág. 1

**João da Ponte.** O Monte da Virgem e D. António Barroso.” Boletim de D. António Barroso. Nº 19. Págs. 4-5

**Rocha, L G Pinho.** O Monte da Virgem. As minhas recordações [?] 1956, p. 14 e 15 (em citação)

**Voz Portucalense.** [Nota informativa]. 5 de julho de 2017

– **Festa Litúrgica de Nossa Senhora do Monte da Virgem** – 25 de junho (nota em 4 junho 2021) In: <https://www.montedavirgem.pt/festa-liturgica-de-nossa-senhora-do-monte-da-virgem-25-de-junho/>



**Imagem de N.ª Sra. dos Anjos e Boaventura, no altar da capela de Santiago**

Muito devoto de N.ª Sra., António Barroso, quando criança acorria muitas vezes a este altar, «levando as mais louças flores do horto familiar», como escreve um seu biógrafo, em 1938.

Em baixo, ex-voto de presumível milagre obtido por intercessão de N. S. da Boaventura, em 1753.



## CELEBRANDO A MEMÓRIA DO VENERÁVEL D. ANTÓNIO BARROSO DOIS EVENTOS

### «MOÇAMBIQUE: da Colonização à Guerra Colonial. A Intervenção da Igreja Católica»



Textos do **Professor José Campinho**  
Imagens: **CMB e José Campinho**

No dia 5 de novembro, o Auditório da Biblioteca Municipal de Barcelos encheu-se para o lançamento do livro «MOÇAMBIQUE da Colonização à Guerra Colonial. A Intervenção da Igreja Católica», da autoria dos barcelenses Amadeu Araújo, investigador do CEHR da Universidade Católica e Vice-postulador da Causa de Canonização de D. António Barroso, e de Manuel Vilas Boas, padre e jornalista da TSF, há 35 anos.

O livro, com *Nota introdutória* assinada pelo General Ramalho Eanes e capa do pintor Henrique Vale, foi apresentado pelo

Arcebispo de Braga, D. José Cordeiro, em sessão que, que foi presidida pelo Presidente da Câmara, Dr. Constantino Lopes, e teve como moderador, com o entusiasmo que o caracteriza, o Dr. Vitor Pinho, antigo bibliotecário da Biblioteca Municipal de Barcelos.

Segundo os seus autores, os dois com alguns anos de permanência em Moçambique no período que antecedeu a independência do território, o livro, lançado a poucos meses do cinquentenário do 25 de Abril de 1974, tem dois objetivos fundamentais:

ser um contributo para a compreensão da «conturbada descolonização», a partir do «modo atribulado como a colonização se processou», por um lado; e, por outro, «render uma homenagem nacional a D. Manuel Vieira Pinto, arcebispo emérito de Nampula», no ano em que passa o primeiro centenário do seu nascimento. «Este será o momento honrado da celebração de uma vida doada ao povo, à justiça e à paz» - escreveu Manuel Vilas Boas.

A apresentação do livro no dia 5 de novembro coincidiu com o dia de nascimento de D. António Barroso. Celebrando a efeméride, Margarida Pogarell, escritora de literatura infantil, em momento que antecedeu a apresentação do livro propriamente dita, relevou alguns aspetos da personalidade daquele que foi o primeiro prelado de Moçambique, a partir das muitas cartas, «milagrosamente» encontradas e salvas, na «Casa do Bispo», naquela que foi a sua casa de Remelhe.



### Romagem ao túmulo do Venerável D. António Barroso

Comemorando a chegada dos restos mortais de D. António Barroso a Barcelos, e a sua trasladação para o cemitério Paroquial de Remelhe, que aconteceu nos 4 e 5 de setembro de 1918, a «Comissão em Prol de D. António Barroso» promoveu, no dia 3 de setembro último, mais uma romagem ao túmulo do missionário de Remelhe, declarado «venerável» pelo Papa Francisco, em 16 de junho de 2017.

Segundo nos disse um dos responsáveis da Comissão, estas romagens ao túmulo de D. António Barroso começaram, em Barcelos, há cerca de 70 anos e, apesar de algumas interrupções mais ou menos longas, os romeiros continuam a fazer o mesmo percurso todos os anos: cantando e rezando, no 1.º domingo de setembro de cada ano,

partem de junto da Estação dos Caminhos de Ferro de Barcelos onde, há mais de 100 anos, chegou o corpo morto do Bispo que ficou conhecido como o «Bispo dos Pobres»; param, depois, em frente aos Paços do Concelho, para saudar aquele que foi missionário e bispo em três continentes, deixando-lhe flores, junto da estátua ali



erigida por altura do Congresso Missionário Português, realizado, em Barcelos, em 1931; finalmente, e já em Remelhe, voltam a colocar flores quer junto do busto que ali dá sentido ao planisfério de granito que o cerca, quer no túmulo que guarda os restos mortais daquele que morreu há 105 anos, no Porto, com fama de santidade.

A romagem do dia 3 de setembro último terminou, como sempre aconteceu, com uma celebração eucarística que foi presidida pelo pároco, Pe. Tiago Barros, e concelebrada pelo missionário comboniano Pe. Filipe Resende, em cuja homilia, perante uma assembleia que encheu a igreja paroquial, relacionou com sucesso a figura de D. António Barroso com o texto do evangelho do dia.

# Boletim do Venerável D. António Barroso



## O melhor sepulcro dos mortos é o coração agradecido dos vivos

Gratidão e flores para Manuel Ribeiro Fernandes, admirador e devoto de D. António Barroso, e generoso benemérito da Causa da sua Canonização.

Nascido em Remelhe, em 7 de Dezembro de 1951, faleceu a 26 de Julho de 2023 e jaz na sua terra natal. Que descanse na companhia do Venerável D. António!

O Boletim apresenta sentidas condolências à viúva, D.<sup>a</sup> Laurinda Fonseca do Vale.



## GRAÇAS RECEBIDAS

O Venerável D. António Barroso é um intercessor que reza por nós, junto de Deus, se a ele recorrermos. O processo de canonização de D. António encontra-se em Roma, na Congregação para a Causa dos Santos, a aguardar que surja um milagre. Se entender que recebeu alguma graça extraordinária (milagre), alguma resposta extraordinária às preces que dirige a Deus, por intercessão do Venerável D. António Barroso, informe o Postulador, Padre João Pedro Bizarro, pelo tlm. 913366967, ou o Vice-Postulador, Amadeu Gomes de Araújo, pelo tlm. 934285048. Se preferir comunicar por escrito, use esta direcção:

**CAUSA DA CANONIZAÇÃO DE D. ANTÓNIO BARROSO  
RUA DE LUANDA, N.º 480, 3.º ESQ. 2775-369 CARCAVELOS, CASCAIS**

## CONTAS EM DIA

A última relação de contas (até 30 de Setembro de 2023), está disponível no Boletim n.º 39, III Série. De 1 de Outubro de 2023 até 30 de Novembro de 2023, realizaram-se as seguintes despesas: Escola Tipográfica das Missões (Boletim n.º 39): 650.20 €; Consumíveis e correio: 75,00 €. **TOTAL: 725,20 €.**

No mesmo período, recebemos os seguintes donativos para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim: Dr. Duarte Nuno Pinto: 300,00 €; D.<sup>a</sup> Ana Maria Gomes Silva: 20,00 €; D.<sup>a</sup> Diamantina Carmo do Paço: 10,00 €; Dr. Paulo Batista: 100,00 €; Sr. José Lourenço Pereira: 200,00 €; Assinantes da freguesia de Remelhe/Barcelos, com a colaboração de D.<sup>a</sup> Laurinda Fonseca do Vale, Sr. Augusto Faria dos Penedos, D.<sup>a</sup> Maria do Carmo Faria Araújo, D.<sup>a</sup> Ana Maria da Silva Coutinho, Sr. Augusto da Costa Martins, D.<sup>a</sup> Margarida Barroso Simões, Sr. Mário da Costa Lopes e D.<sup>a</sup> Maria Magalhães Faria Senra: 557,00 €; outros assinantes de Remelhe: D.<sup>a</sup> Maria Alice Araújo e Sr. Abílio Oliveira, D.<sup>a</sup> Carmo Arantes, D.<sup>a</sup> Marinha Gomes, D.<sup>a</sup> Lurdes Costa: 25,00 €; Junta de Freguesia de Remelhe: 500,00 €; **TOTAL: 1.712,00 €.**

**PARA APOIO À CAUSA DA CANONIZAÇÃO OU DESPESAS DO BOLETIM,  
USE A CONTA DE D. ANTÓNIO, NA C.G.D. :**

**NIB: 003505420001108153073 IBAN: PT50003505420001108153073 BIC: CGDIPTPL**

## MORADA DO BOLETIM:

**RUA DE LUANDA, N.º 480 3.º ESQ. / 2775-369 CARCAVELOS / CASCAIS**